

305 “Agora, nosso futuro é uma incógnita”

“Agora o nosso futuro é uma incógnita”. A frase proferida por Isabel Cristina Costa Borges, residente no Guará, demonstra bem o clima que prevaleceu ontem nas cidades-satélites do Distrito Federal, com o falecimento de Tancredo Neves. Mas, apesar do impacto da notícia, o povo manteve-se calmo é, muitos, não sabendo exatamente o que significava na realidade o feriado nacional decretado pelo presidente José Sarney, dirigiram-se ao Plano Piloto para trabalhar, mas só encontraram portas fechadas.

Nas cidades-satélites não haviam faixas, embora o clima geral fosse de muita tristeza e quase nenhum movimento nas ruas. Na sua maioria, o povo hipotecava seu apoio ao presidente José Sarney, “até ele provar que não cumprirá o programa político de Tancredo Neves para o País”. Ficaram, no entanto, o vazio e o medo. Isabel Cristina Borges, por exemplo, declarou que a presença de Tancredo Neves no poder significava “acabar com as mordomias, a inflação e toda esta corrupção que todos sabem existir”. Ela expressou o sentimento do medo diante da situação que o país atravessa, “para que o povo não seja lesado novamente”.

Mas a confiança na Nova República persiste, se ela continuar o projeto traçado por Tancredo Neves. O presidente José Sarney deve, também, receber todo o apoio possível da população, segundo a opinião dos moradores das cidades-satélites. A esperança, agora, era a de que “Sarney não deixará de fazer o que Tancredo prometeu”, como expressou, na Ceilândia, Leonice Ferreira França, 36 anos.

A população mais jovem, entretanto, da qual fazem parte Eliane Maria dos Santos e Gilmar Ferreira dos Santos, é mais radical. Apostava em Tancredo Neves para solucionar questões profundas, como o desemprego, moradia e salários compatíveis “com a dignidade humana”.